

A NEURORRADIOLOGIA EM PORTUGAL

PAULO MENDO

Quiseram os fados que eu fosse o primeiro médico, vindo da Neurologia e Neurocirurgia a dedicar-me em tempo exclusivo à Neurorradiologia, até então, estávamos em 1964, praticada por cada especialista no estudo dos seus próprios doentes, ou então, como era o caso no nosso Serviço de Neurologia do Hospital de Santo António no Porto, por todos os jovens neurologistas e neurocirurgiões em treino.

Todos fazíamos tudo...o melhor possível.

Esta situação não era, aliás, diferente da que se passava nos outros serviços do País e mesmo na Europa, onde os cultores da Neurorradiologia, vindos habitualmente da Neurologia ou da Radiologia Geral tinham e mantinham uma luta permanente para se autonomizarem e convencerem os seus pares da importância da dedicação única a esta área da Imagiologia.

Que, por ser praticada por todos e por ninguém, estava confinada à execução e diagnóstico grosseiro de angiografias carotídeas e mielografias de contraste positivo, deixando no mais completo esquecimento o enorme campo de actuação possível da Imagiologia do sistema nervoso.

Tive a sorte de estar integrado no serviço de Neurologia e Neurocirurgia do Hospital Geral de Santo António, sob a direcção de Corino de Andrade, o nosso indiscutível Patrão.

Possuidor de uma cultura renascentista que o fazia privilegiar não só o estudo, mas também a execução organizada de projectos, com longa experiência num dos mais prestigiados centros mundiais da Neurologia que era Estrasburgo no tempo de Barré, Corino de Andrade, muito antes de todos nós, teve a percepção que a Imagiologia iria ocupar um lugar fulcral na medicina clínica e que o Sistema Nervoso Central, escondido e protegido atrás da fortaleza óssea, seria um campo privilegiado de aplicação das técnicas radiológicas que se adivinhavam.

Para Corino em 1964, o trabalho pioneiro dos neurorradiologistas europeus que se começava a impor em Inglaterra, na Suécia, em Itália e na França, iria a muito curto prazo organizar-se em redor de uma nova disciplina autónoma, a Imagiologia do Sistema Nervoso que, com técnicas e cultura próprias seria a base da investigação e clínica neurológica do fim do século.

Os serviços portugueses deviam, honrando e continuando o trabalho pioneiro de Egas Moniz, acompanhar os tempos, incentivando a prática desta disciplina emergente.

Esta posição de Corino de Andrade era ainda fortemente sustentada pelo facto de estarem a surgir novas possibilidades de observação radiológica, com o aparecimento de novos equipamentos e técnicas, tais como grelhas ultra finas, novos e melhores écrans, focos de 0,3 e 0,1 mm, tomografias de movimentos complexos, melhores e menos perigosos contrastes, etc..

De tudo isso se apercebeu Corino de Andrade e foi então, neste clima de insatisfação pelo que fazíamos e com a convicção segura de que o futuro passava pela imagem, que, numa reunião de serviço, em 1964, convidou algum dos jovens médicos a responsabilizar-se pela Neurorradiologia do serviço.

Aceitei o desafio do Patrão porque estava naquela fase da minha formação em que tudo nas ciências neurológicas me entusiasmava: tinha já um treino razoável de Neurocirurgia, sem nunca ter deixado de fazer Neurologia como preparação para o título da especialidade, tinha mais amor à clínica do que à sala de operações e a Neurorradiologia aparecia-me com o aliciante de me permitir viver uma rotina que seria aquilo que chamei de aventura diagnóstica, na encruzilhada, ou ponto de encontro, das áreas médica e cirúrgica da Neurologia.

Nos fins de 64 dispunhamos para o nosso trabalho radiológico de um craniógrafo *Princeps*, de enorme leveza, versatilidade e qualidade, que Corino tinha conseguido de um mecenas europeu, que nos permitia fazer angiografias manuais de três películas, e de uma mesa basculante, já antiga, naturalmente sem amplificador de imagens, na Radiologia Central onde podíamos trabalhar todas as tardes.

Como era habitual nos hospitais portugueses este serviço trabalhava de manhã e, à tarde, só podíamos dispor do seu apoio, porque o seu Subdirector, o saudoso Júlio Vasconcelos, fazia, por gosto e paixão, horário completo e nos ajudava nas nossas sessões diárias que, então, como já disse, cada um de nós ia fazer aos seus doentes.

Na Radiologia Geral o Júlio de Vasconcelos acolheu-me com enorme simpatia e amizade e ensinou-me tudo

que um neurorradiologista devia saber sobre técnica e semiótica radiológica geral, apoiando-me sempre na defesa da autonomia da Neurrorradiologia.

No Serviço, Corino de Andrade todos os dias me empurrava e exigia impossíveis e, factor fundamental, que sempre saliento como exemplar e raro, tive da parte de todos os colegas, de todos os médicos que trabalhavam no serviço, em treino ou do quadro, um completo apoio e compreensão da importância do que se estava a tentar construir no Serviço.

E foi assim, graças à superior clarividência estratégica de Corino de Andrade, ao profissionalismo e simpatia de Júlio Vasconcelos e ao permanente apoio e exigência dos colegas e dos médicos seniores, em especial o Rocha Melo e João Resende, que fui dando os primeiros passos na nossa especialidade.

Desde o dia em que aceitei encarregar-me da Neurrorradiologia do serviço, mais nenhum exame deixou de ser feito por mim, os doentes de cada um passaram a ser por mim investigados, os exames examinados em conjunto e iniciaram-se as clássicas 11 horas de quartas feiras, em que todo o serviço se reunia nas instalações da Neurrorradiologia, entretanto adaptadas, à volta de um chá e dos exames da semana.

Foram estas circunstâncias únicas, em que todos, no serviço, se mostraram interessados na minha *vitória*, em que os chefes me abriram o caminho e em que eu pude trabalhar com entusiasmo partilhado, que se foi construindo a autonomia da Neurrorradiologia no serviço de Neurologia do Hospital de Santo António do Porto.

Uns curtos meses de estágio no Serviço de Neurrorradiologia de Wackenheim nos Hospícios Civis de Estrasburgo, permitiram-me a descoberta da importância do Rx simples e da tomografia, e a introdução em Portugal da técnica da Tomo Encefalografia Gasosa Fraccionada, porventura o mais artístico e subtil exame neurrorradiológico de sempre.

Posso, por isso, datar de início de 1965 o funcionamento em rotina diária e pesada do então laboratório de Neurrorradiologia do serviço de Neurologia do Hospital Geral de Santo António.

Eu, como médico e uma enfermeira que se foi fazendo técnica, constituíamos o *staff*.

Mas os Deuses não me abandonaram e ainda durante esse ano, um jovem estagiário que queria seguir o internato de Neurrorradiologia veio oferecer-se para trabalhar comigo.

Iniciou-se assim uma amizade fraterna que durará a vida inteira e uma colaboração que, sem desencantos nem desencontros durou toda a minha vida profissional e em que tive o prazer e o orgulho de ver este companheiro das primeiras horas, José Almeida Pinto, tornar-se Neurrorradiologista, Chefe de Serviço, Director do Serviço e Professor Universitário concursado.

Estávamos, na altura, em guerra e ambos tivemos que suportar a mobilização em África que eu fiz em Angola de 1971 a 1973, como repescado tardio, depois de ter feito o serviço militar em 1958, como soldado cadete, recusada que foi, por motivos políticos, a minha promoção

E foi em Luanda que consegui aliciar para as fileiras da Neurrorradiologia vários colegas até então ligados à Neurologia, Neurocirurgia ou Radiologia.

Foram eles os bons amigos José Moreira Maia, da Neurocirurgia, Costa Reis da Neurologia, e Eduardo Medina da Radiologia.

É o tempo em que começam a surgir na literatura médica os primeiros artigos de semiologia das imagens de TAC, abrindo à Imagiologia do sistema nervoso novas perspectivas e desafios e contribuindo para aumentar o entusiasmo e as fileiras do nosso pequeno grupo que, em 1979, era já constituído por perto de duas dezenas de cultores da especialidade.

Em Lisboa o arranque tinha sido dado por Cruz Maurício, no Instituto Português de Oncologia primeiro e no Hospital Egas Moniz depois, por Costa Reis nos Hospitais Civis de Lisboa, por Gama Afonso no Hospital Santa Maria e, ligado ainda ao serviço de saúde milita, Eduardo Medina.

Em Coimbra vindo da Neurocirurgia surge Faria Pais e nos Hospitais da Universidade de Coimbra, Sousa Fernandes, vindo da Neurologia e infelizmente já desaparecido.

Todo este pequeno grupo pioneiro se mantinha, profissionalmente, muito ligado ao nosso pequeno laboratório de Neurrorradiologia do Hospital de Santo António, onde todos fizeram estágios mais ou menos longos, fomentando-se assim uma sólida amizade e coesão entre nós e uma permanente busca de qualidade e excelência para a Neurrorradiologia que praticávamos.

Na mesma altura a Neurrorradiologia inicia-se no Hospital de S. João do Porto com Joaquim Cruz, que se junta a nós e está presente na primeira fotografia dos neurrorradiologistas portugueses, fundadores do Núcleo Português de Neurrorradiologia em 1979. (ver foto)

Núcleo que surge assim há vinte e dois anos e que se transformará, mais tarde, na nossa actual Sociedade Portuguesa de Neurrorradiologia, que mantém o logótipo do Núcleo.

Se quisermos dividir em períodos a nossa história direi que os primeiros dez anos que vão de 65 a 75, correspondem ao período de arranque e pioneirismo da Neurrorradiologia portuguesa.

Com a Revolução de Abril, as modificações do funcionamento hospitalar e o crescimento e entusiasmo do grupo, inicia-se um novo período que chamarei de consolidação da Neurrorradiologia como disciplina autónoma e que corresponde à implementação da especialidade na rede hospitalar pública.

Com efeito, o entusiasmo do nosso grupo, jovem e estudioso, a chegada da democracia a Portugal, os primeiros TAC públicos instalados no nosso serviço e no serviço de Cruz Maurício, toda uma nova semiótica a construir, tornaram imparável o desenvolvimento da nossa disciplina que, em pouco tempo, desde os meados de setenta até meados de oitenta, adquiriu direito a internato e carreira própria hospitalar, com serviços e quadro em vários hospitais.

O Serviço de Neurorradiologia do Hospital de Santo António foi o primeiro, criado em 1976 com um quadro de um chefe de Serviço e um assistente e internato, sendo eu e Almeida Pinto os médicos do quadro e Moreira Maia, um pouco mais tarde, o nosso primeiro interno.

A seguir a nós, outros serviços foram criados e lugares para neurorradiologistas foram acrescentados aos quadros de alguns Serviços de Radiologia nos primeiros anos da década de oitenta.

Por isso, situo nos fins desta década o início da terceira e última fase de juventude da Neurorradiologia portuguesa, que corresponde à sua organização como especialidade e à definição da sua posição no universo das especialidades que a nossa Ordem aceita e acolhe.

Com efeito, no início dos anos noventa a Neurorradiologia é finalmente reconhecida como especialidade pela Ordem dos Médicos, com direito a ter o seu Colégio próprio.

A Neurorradiologia atingia assim a maturidade.

Posso dizer que desde que levantei o dedo, aceitando o desafio de Corino em 1964 e os primeiros anos de oitenta, em que a Neurorradiologia se consolidou como disciplina hospitalar, a minha vida profissional foi de permanente aventura e entusiasmo.

E não posso deixar de prestar aqui a minha homenagem àqueles que comigo partilharam os primeiros passos desta aventura.

Com Almeida Pinto primeiro, Moreira Maia como primeiro interno e logo a seguir José Rocha Melo, a Enfermeira Marfisa Gonçalves que depois tirou o curso de técnica, a cuidar de nós todos e do laboratório com desvelo maternal e, um pouco mais tarde, a incansável Enfermeira Laura Martins, formámos uma verdadeira equipa de combate, entusiasta, alegre e sempre pronta a trabalhar em quaisquer condições.

Angiografias feitas com seriógrafo manual de três películas, mielografias feitas na penumbra, sem intensificador, revelação manual que todos fazíamos, imagens de subtracção feitas no quarto escuro por nós próprios, encefalografias gasosas fraccionadas obrigando a revelação película a película, era assim o nosso quotidiano a que se juntava naturalmente a preparação e prática clínica de Neurologia, cujos concursos eu e Almeida Pinto ainda tivemos que fazer.

A revolução de Abril apanhou-nos no momento em

que estava a ser montada uma nova mesa basculante dotada já de intensificador de imagem e em que mais um jovem candidato a Neurorradiologista estagiava no meio das obras: Sousa Fernandes.

Nessa altura já eu era Neurologista titulado em Concurso pela Ordem dos Médicos e Chefe de Serviço com concurso público em Neurologia, com dedicação exclusiva à Neurorradiologia.

Tinha chegado ao topo da carreira e o Almeida Pinto, então em Londres, era um profissional mais que competente para dirigir o serviço e um amigo que compreendia o meu desejo de participar mais activamente na construção da nossa tão atendida democracia.

Por isso aceitei em 1976, o convite para Secretário de Estado da Saúde do primeiro Governo Constitucional o que me mantém afastado do serviço durante esse ano e depois, em 1981 o convite para novamente ocupar o cargo de Secretário de Estado da Saúde dos Governos da Aliança Democrática até 1983.

Regresso ao serviço em meados de 1983.

A Neurorradiologia está já bem implantada nos hospitais portugueses, a sua carreira hospitalar própria consignada na lei, bem como a sua formação em internato próprio.

Durante esses dez anos atribulados e cheios que sucederam à revolução, a jovem Neurorradiologia portuguesa viu consolidado o seu prestígio e a sua indispensabilidade, graças ao mérito, capacidade e profissionalismo dos seus primeiros cultores.

A eles se deve o facto de a Neurorradiologia se ter tornado uma disciplina procurada por cada vez mais jovens licenciados que felizmente, foram, também eles, pioneiros e defensores de uma séria e longa formação de internato que tem caracterizado até ao presente a formação em Neurorradiologia.

E é já, com a especialidade forte e prestigiada, que em 1985 ocupo, por eleição, a direcção do Hospital de Santo António e a direcção do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar e em 1993 o cargo de Ministro da Saúde.

Naturalmente que o meu afastamento de anos vai impedir o meu regresso à especialidade que amei.

Desde essa data acompanho o seu desenvolvimento e as suas vitórias com o interesse de quem vê crescer e impôr-se uma disciplina que ajudou a nascer.

Por ela, pela sua responsabilização social, pelo seu apetrechamento técnico, pela sua deontologia e organização, me bati durante praticamente toda a minha vida profissional, com a felicidade de, sempre, ter sido acompanhado e apoiado pelos colegas do serviço e pelos neurorradiologistas do País que sempre me demonstraram amizade e muito fizeram, muito mais do que eu, pelo prestígio da nossa especialidade.

Abandonada a vida activa profissional vi o meu serviço passar a ter o meu nome, a sociedade de Neurorradiologia

homenagear-me, a sociedade Europeia de Neurorradiologia fazer-me sócio de honra e, agora, ser-me oferecida a Presidência de Honra deste Congresso Português de Neurorradiologia.

Sei bem que estes galardões não premeiam o meu mérito científico, mas são a afirmação de uma amizade.

Amizade directa, forjada em trabalho comum, no então laboratório de Neurorradiologia do Hospital de Santo António, onde quase todos os primeiros neurorradiologistas estagiaram.

Costa Reis, Faria Pais, Cruz Maurício, Sousa Fernandes, Gama Afonso (que aí preparou a sua tese de doutoramento) aí estiveram e aí se criou uma amizade que persistirá sempre e que eles souberam simpaticamente transmitir às novas gerações de Neurorradiologistas.

Talvez por isso, porque a nossa aventura foi comum e a nossa amizade se foi construindo no trabalho, a Neurorradiologia mantém um clima de seriedade de relacionamento e mesmo de fraterno convívio que não esquece quem teve o privilégio de ser o primeiro profissional da nossa querida especialidade.

Especialidade que obriga, como tantas outras na área da medicina, a um permanente estudo e actualização, porque a evolução tecnológica é rapidíssima e a cada nova técnica que é introduzida corresponde uma nova semiologia que é necessário conhecer e ajudar a criar.

Disciplina que se manterá em inovação permanente no futuro previsível e que só admite ser exercida por quem a amar em permanente quadro de mudança.

E isto porque a Neurorradiologia não é, nem nunca foi, um conjunto de exames complementares de diagnóstico, porque está implicada na procura diagnóstica desde a primeira queixa, obrigando, por isso, os seus profissionais, para além da sua preparação técnica, a terem uma profunda preparação clínica.

Deste posicionamento no universo das ciências neurológicas decorre a sua grande responsabilidade presente e futura: nunca se afastar da clínica, estando sempre na vanguarda das técnicas da Imagiologia.

Foi apaixonante e quase me apetece dizer fácil, o nosso nascimento e a nossa infância e juventude.

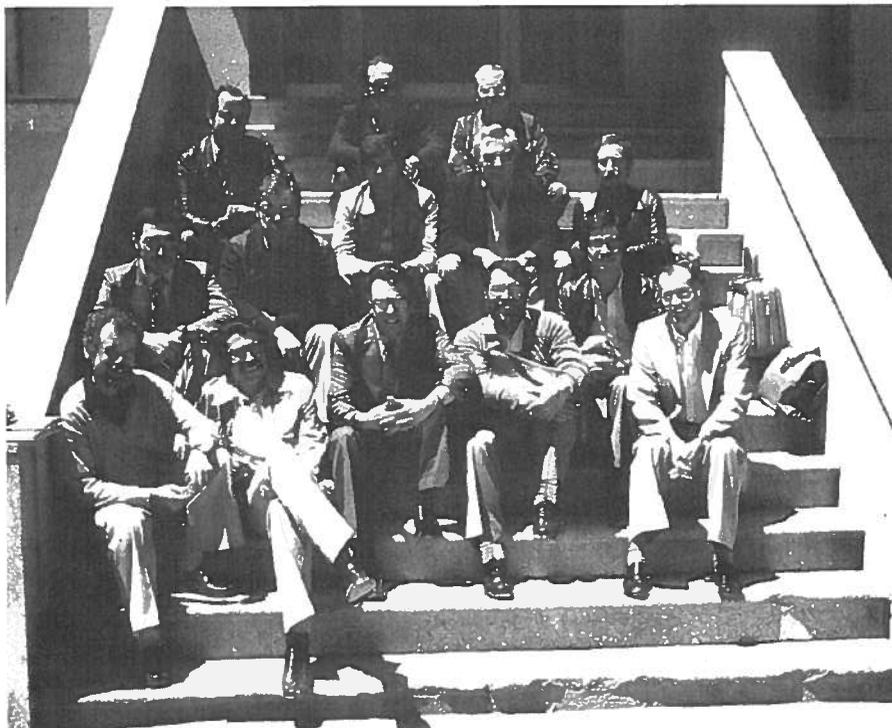
Agora, que a Neurorradiologia é adulta e compete em pé de igualdade com todas as disciplinas de prestígio, o Vosso trabalho será mais difícil e muito mais mediatizado.

Mas o barco está sólido, a tripulação moralizada e os líderes bem aceites e apoiados.

A Augusto Goulão, Presidente da Sociedade Portuguesa de Neurorradiologia, agradeço muito sensibilizado o convite que me fez para estar aqui presente e todas as manifestações de simpatia com que me tem distinguido ao longo dos anos.

Aos primeiros companheiros da nossa aventura, cujos nomes aqui citei, aos neurorradiologistas representantes da geração dos primeiros internos, a todos os jovens actualmente em formação, saúdo com muita amizade e com a certeza de que a Neurorradiologia portuguesa está em boas mãos.

Oxalá também tenha o vento de feição.



Fundadores do Núcleo Português de Neurorradiologia em 1979